

Agência Estado

REPORTAGEM

redacao@correio24horas.com.br

Em busca de um futuro para o planeta

COP-26 Mais de 100 países se comprometem a acabar com desmatamento até 2030

Cem líderes mundiais reunidos na Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP-26) lançaram ontem planos para acabar com o desmatamento em 2030 e reduzir as emissões de metano, buscando dar impulso a negociações complicadas.

“Nossas florestas são também o modo como a natureza captura o carbono, tirando gás carbônico (CO²) da atmosfera”, disse o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, na COP-26, em Glasgow, na Escócia. “Temos de abordar esta questão (do desmatamento) com a mesma seriedade com que abordamos a descarbonização de nossas economias”, completou Biden, em um evento sobre as florestas e uso do solo.

Segundo a ONG Global Forest Watch, em 2020 a destruição de florestas primárias aumentou cerca de 12% em relação ao ano anterior, apesar da paralisação da economia por causa da pandemia. O Brasil teve aumento de 9,5% nas emissões de gases de efeito estufa. A causa do crescimento foi a alta no desmatamento da Amazônia e do Cerrado.

Brasil, China, Rússia, Indonésia, República Democrática do Congo e outros cem países assinaram a Declaração de Glasgow, prometendo deter e reverter o desmatamento e a degradação do solo em 2030.

No total, esses países “reúnem cerca de 85% das florestas do mundo, uma superfície de 33,6 milhões de km²”, segundo a presidência britânica da COP-26.

Estas medidas se apoiaram em um fundo de US\$ 12 bilhões de dinheiro público aportado por 12 países entre 2021 e 2025, além de US\$ 7,2 bilhões de investimento privado por parte de mais de 30 instituições financeiras mundiais, incluindo gigantes como Aviva, Schroders e Axa.

A União Europeia também anunciou que contribuirá com 1 bilhão de euros para a iniciativa global de frear o desmatamento, segundo a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen.

As medidas devem apoiar atividades nos países em desenvolvimento como a restauração de terras degradadas, a luta contra os incêndios florestais e a defesa de direitos das comunidades indígenas.

BRASIL

Na véspera, o Brasil já havia anunciado a meta de zerar o desmatamento ilegal até 2028. Os novos anúncios do governo fazem parte da tentativa de driblar a desconfiada internacional em relação ao Brasil na pauta do meio ambiente, diante da recente alta de desmatamento e incêndios na Amazônia.

Cancelada no ano passado



EVAN VUCCI/POOL/AFP

por causa da pandemia, a COP-26 tem como missão colocar em prática o Acordo de Paris, de 2015, que estipulou como grande objetivo limitar o aquecimento do planeta a 1,5°C.

Na segunda-feira, a Índia, quarto maior emissor de CO² do mundo, anunciou que não esperava alcançar a neutralidade de carbono até 2070. Bastante esperado, o anúncio da Índia representou um atraso de duas décadas em relação à maioria dos países.

O Brasil se comprometeu com a neutralidade de carbono até 2050 e anunciou aumento no corte de emissões para 50% até 2030. Essa última mudança, porém, não torna a meta climática brasileira mais ambiciosa – apenas retoma os padrões de ambição de 2015.

Ambientalistas apontaram como tardio o fim do desmatamento em 2030. Para o Greenpeace, o anúncio foi uma ‘luz verde para outra década de destruição florestal’. Dados do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente mostram de que desde 1990 foram perdidos 420 milhões de hectares de floresta por conversão para outros usos da terra.

Um informe da organização WWF alerta de que o desmatamento ocorre há muitas décadas na Amazônia, África central e Indonésia, mas destaca também novas frentes na África ocidental (Libéria, Costa do Marfim e Gana), África oriental (Madagáscar) e na América Latina, em países como México e Guatemala.

PERSPECTIVA

Joe Biden afirmou que o acordo multilateral é um grande exemplo do que o mundo precisa. O presidente americano elogiou também o consenso para a redução de emissão de metano (leia ao lado). Biden pontuou que, desta vez, além das contribuições de financiamentos pelos países, iniciativas privadas estão contribuindo com “literalmente trilhões de dólares”.

“As populações dos nossos países têm uma perspectiva diferente do que elas tinham na COP-25 (de 2019). Isso porque, de repente, as pessoas viram acontecerem coisas que elas nunca tinham vistas antes”, disse o presiden-

te, em referência aos eventos extremos do clima registrados neste ano.

BANCOS

Os bancos multilaterais de desenvolvimento (MDB, na sigla em inglês), entre eles o Banco Europeu para Reconstrução e Desenvolvimento, concordaram em ampliar esforços para a proteção, a restauração e o uso sustentável da natureza. Em comunicado conjunto assinado na COP-26, as instituições apontam que o progresso rumo a metas de desenvolvimento global sustentável, clima e biodiversidade não pode ser alcançado sem lidar com os efeitos diretos e indiretos da perda da natureza nem a transformação do modo em que se valoriza, utiliza e conserva seus benefícios.

Os MDBs se comprometem, no acordo, a levar mais em consideração em suas políticas e operações a manutenção de uma liderança no desenvolvimento de salvaguardas para os ecossistemas; o fomento a investimentos positivos para a natureza; e a criação de sinergias regionais e o estabelecimento de abordagens estratégicas, entre outros pontos.

Os bancos se apoiaram em “definição operacional” que possa avançar no entendimento dos riscos financeiros trazidos pela perda de natureza. Entre os signatários está o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Primeiro Ministro da Índia, Narendra Modi, e o primeiro ministro do Reino Unido Boris Johnson durante a COP-26

Brasil confirma adesão em acordo de metano

A Comissão Europeia, braço executivo da União Europeia, confirmou que mais de 100 países assinaram o compromisso global para reduzir as emissões de metano em 30% até 2030, em relação ao nível de 2020. O programa, desenhado pelo bloco em parceria com os Estados Unidos, terá a participação de nações que re-presentam mais de 70% da economia mundial. O Ministério do Meio Ambiente confirmou a adesão do Brasil ao pacto.

O país é um dos principais emissores mundiais do gás, cuja maior fonte de lançamento é a agropecuária. Índia, Rússia e China, também grandes propagadores, não ingressaram no tratado.

Embora tenha retenção relativamente curta na atmosfera, o metano é até 86 vezes mais potente que o dióxido de carbono para o aumento da temperatura do planeta. Segundo a UE, o cumprimento do compromisso ajudaria a reduzir o aquecimento global em até 0,2°C até 2050. Além dos signatários, a UE também informou que um grupo de organizações filantrópicas se comprometeu a doar US\$ 328 milhões ao projeto.

Coordenador pede demissão em meio à conferência

O engenheiro e advogado Oswaldo dos Santos Lucon pediu demissão ontem do posto de coordenador-executivo do Fórum Brasileiro de Mudança do Clima, para o qual havia sido nomeado em 2019 pelo presidente Jair Bolsonaro. A demissão ocorreu em meio à COP-26. Lucon disse ao Estado de S. Paulo que estava saindo por causa da falta de interlocução do governo com os representantes da sociedade civil.

O objetivo do fórum é assessorar o presidente no tema da emergência climática, por meio do diálogo com a comunidade científica.

O ex-coordenador conta que a participação brasileira em Glasgow se dá em dois estandes diferentes: um com representantes do governo e outro com a sociedade civil e alguns governadores de Estados. Os dois grupos pouco se conversam.

As populações dos nossos países têm uma perspectiva diferente do que elas tinham na COP-25 (de 2019). Isso porque, de repente, as pessoas viram acontecerem coisas que elas nunca tinham vistas antes Joe Biden
Presidente dos EUA,